

# EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

Edição especial comemorativa do 10º aniversário  
da Escola Superior de Educação

## **EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA**

**Propriedade**  
Instituto Politécnico da Guarda

**Director**  
Presidente do IPG

**Redacção**  
Serviços Centrais do I.P.G.  
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro nº 50 \* 6300 Guarda  
Telef. (071) 220 111\* Fax (071) 222690

**Composição**  
Centro de Audiovisuais e Publicações

**Execução Gráfica e Impressão**  
Secção de Reprografia do I.P.G.

**Periodicidade**  
Semestral

**Tiragem**  
1.000 ex.

**Depósito Legal**  
nº 17.981/87

nº XX\* Setembro de 1997

Edição especial comemorativa  
do 10º aniversário da Escola Superior de Educação

Capa: Vista parcial do edifício da ESE

## APRESENTAÇÃO

A Escola Superior de Educação da Guarda está a comemorar dez anos de existência com várias actividades culturais. Com esta idade, a E.S.E. tem uma vida ainda muito curta em comparação com os cerca de setecentos anos da prestigiada Universidade de Coimbra.

Esta efemeridade é ocasião para repensar o tempo passado que só existe enquanto presente e visionar o futuro que se quer já actual.

Com dez anos, a Escola tem forçosamente o sonho e a inquietação da sua juventude, procurando caminhos, alimentando esperanças, correspondendo às necessidades dos jovens ávidos de cultura e de progresso. Numa audácia prudente e numa inquietação apoiada, a Escola vai crescendo de modo persistente entre crises que para os jovens nunca são um fim, mas um eterno começo.

Este crescimento tem-se operado de modo quantitativo e qualitativo. Ao longo destes anos aumentou o número de alunos e logicamente de professores. A grande preocupação está na procura da qualidade do ensino, na motivação intelectual dos estudantes, na formação dos docentes, a que se pede um esforço continuado de actualização científica e pedagógica.

Nesta evolução procurou-se corresponder aos anseios dos jovens, às exigências do tempo, às necessidades das instituições económicas e sociais. Por estas razões a E.S.E., continuando a formar professores, voltou-se para o meio comercial e empresarial, criando alguns cursos de reconhecida utilidade pública. Nesta visão pragmática, os responsáveis nunca deixaram de conjugar o regional e o nacional, sem esquecer a experiência e a vitalidade de algumas instituições da vizinha Espanha.

Durante estes anos foram estabelecidas relações com outras escolas superiores, com evidentes benefícios para uma visão mais alargada e uma abertura a novos horizontes. Deste modo se vão consolidando as estruturas, criando uma melhor consciência das responsabilidades científicas e educativas.

Inserida na região da Guarda, a E.S.E. não pode esquecer as instituições culturais, sociais, económicas e tradicionais das

Beiras, transmitindo os seus valores e recriando a memória. Por outro lado está atenta às pessoas, valorizando a formação complementar e contínua em vários ramos do saber, com particular atenção aos professores da Guarda e regiões mais próximas. De todos os que trabalham nesta Escola, há que destacar os alunos, razão essencial de todas as preocupações e anseios. Eles vêm de todo o país para subir à Guarda, subindo durante alguns anos na cultura, na formação e numa esperança sustentada pelo esforço individual e colectivo.

Nesta Escola que está de certo modo ainda no começo de uma vida que se deseja longa, não se tem descurado a investigação científica de que há belos exemplos com trabalhos individuais de professores e de alunos. A testemunhar esta inquietação intelectual está sobretudo a Revista *Educação e Tecnologia* que se tem mantido com a valiosa colaboração dos docentes e uma impressionante regularidade.

Apesar de todas as dificuldades a Escola Superior de Educação da Guarda vai trilhando o seu caminho que, se faz ao caminhar, com uma esperança efervescente, ainda que oscilante.

José Júlio Esteves Pinheiro  
Manuel Carvalho Prata  
António M. Matoso Martinho

# PERSPECTIVANDO O INSUCESSO ESCOLAR

---

Isabel Portugal \*

---

## 1. Nota Prévia

Talvez tudo o que venha a ler-se daqui em diante não seja mais do que uma amplificação ou exploração mais profunda dos dois pensamentos que transcrevo:

*“Quando o indivíduo não se sente amado, deprime-se. E a melhor defesa ou reparação dessa depressão é o amar-se a si mesmo, o investir-se narcisicamente (...) Mas do amor também se constituem reservas. E a maior reserva amorosa forma-se na infância, pelo amor que os pais dedicam aos filhos. Se esta reserva não foi constituída ou é pequena, o indivíduo tem necessidade constante de ser amado e deprime-se em face da mais leve perda de amor ou da sua mais curta ausência (...) O trágico é que o indivíduo que não foi amado não aprendeu a amar. E, não sabendo amar, dificilmente poderá vir a ser amado” - Matos, A. Coimbra, in revista «Análise Psicológica», nº 4, série III.*

*“(...) Mesmo quando o ímpeto ou o estímulo provêm do exterior, o senso da descoberta, do alcance, da apreensão e compreensão, vem de dentro. A aprendizagem é difusa. Faz diferença no comportamento, nas atitudes, talvez mesmo na personalidade do que aprende. A aprendizagem é avaliada por ele. Ele sabe se ela está atendendo às suas necessidades, quer conduza para o que ele quer saber, quer ilumine a área sombria da*

---

Revista "Educação e Tecnologia", Especial 10º Aniversário da E.S.E., Agosto 1997.

\* Proi Assistente na E S E

*ignorância que está experimentando. O locus da avaliação, poderíamos dizer, reside definitivamente no que aprende. A essência da aprendizagem é o significado. Quando uma aprendizagem assim se realiza o elemento do significado para o que aprende faz parte da experiência como um todo.*" - Rogers, Carl «Liberdade de aprender em nossa década», Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

Por outro lado, para a consecução deste projecto de reflexão muito importante foi o contacto com as obras dos autores "sistémicos" Gregoire Évéquoz, P. Watzlawick e Mara Palazzoli e com as obras dos psicanalistas João dos Santos e Bion.

Das leituras feitas e do contacto com a realidade que procuro compreender, surgiu a dispersão (talvez "catastrófica", no sentido de Bion) que me conduziu ao desejo de integração que agora concretizo na forma deste ensaio.

## **2. Enriquecimentos Pessoais**

### **A) - A partir da Perspectiva Sistémica ...**

Começo por confessar o enriquecimento que constituiu, para mim, o contacto com esta Perspectiva. Se no princípio surgiu alguma resistência à teoria que coloca o diagnóstico num plano tão secundário, que despsicopatologiza a função do psicólogo, essa colocação inicial deu então lugar a uma compreensão mais clara e a um aceitar mais amplo desta visão. Nesta linha de pensamento tornaram-se para mim bastante ricas algumas ideias e pressupostos.

É evidente que qualquer leitura, de qualquer teoria, é sempre feita tendo em conta as referências do leitor e daí que de tudo quanto li vá aqui explorar o que para mim tem mais significado ou seja, o que na necessidade de interiorização me permite como profissional de educação, uma actuação que, julgo, poderá ser mais eficaz.

Assim há que realçar os seguintes conceitos:

1º - A perspectiva sistémica centra-se no processo de interacção e comunicação dos indivíduos que pertencem a um mesmo sistema e não tanto nos problemas intra-psíquicos. Esta abordagem baseia-se na *Pragmática da Comunicação Humana* e na *Teoria Geral dos Sistemas*.

2º: a) - Noção de *sistema*: conjunto de elementos em interacção caracterizada por três propriedades fundamentais: a *totalidade* (o sistema é mais do que a soma dos seus elementos); a *auto-regulação* (resulta do

equilíbrio entre a tendência à mudança e a tendência à estabilidade); a *equifinalidade* (as modificações dum sistema são praticamente independentes das condições iniciais sendo sobretudo dependentes da natureza do próprio processo).

b) - Noção de *sub-sistema*: conjuntos que se podem determinar no sistema.

3º: a) - *Comunicação*: encarada como toda a manifestação e, portanto, sinónimo de comportamento.

b) - *Teoria da Comunicação: Sintaxe* (problema da transmissão); *Semântica* (refere-se ao sentido da mensagem) e *Pragmática* (efeitos da Comunicação no comportamento).

4º - Conceito de *double-bind*: comunicação contraditória podendo conduzir a três reacções diferentes (cfr. Évêquoz, 1987):

- o indivíduo pode acreditar que deixou escapar algum "índice" e tentará descobri-lo para dar sentido à situação;
- o indivíduo pode retirar-se e tomar um comportamento doentio autista;
- o indivíduo obedece a tudo e abstem-se de pensar "pessoalmente".

5º - Distinção entre *dificuldade* (algo de insolúvel tendo o sistema que aprender a viver com ela) e *problema* (algo de solúvel, representando apenas um impasse).

6º - "O *sintoma* não é considerado como uma manifestação exterior duma patologia interna do sujeito mas na sua significação comunicacional no contexto do sistema relacional." (Palazzoli, 1980, p. 47).

7º - O *aluno inadaptado* é a expressão da disfunção comunicacional intra-sistémica e inter-sistémica e sendo assim o seu comportamento é adequado em relação a essa disfunção (cfr. Évêquoz, 1987).

### B) - *A partir da Pedagogia Terapêutica...*

Desta abordagem vou procurar salientar não tanto a pragmática mas, essencialmente, os princípios teóricos que a orientam e as fundamentações e formulações de João dos Santos. Passo a indicar:

1º - A Pedagogia Terapêutica é uma maneira de actuar junto das crianças com dificuldades escolares temporárias que se deve praticar em instituições ou classes especiais ou através dos

próprios professores na escola que a criança frequenta devendo incidir na situação que está na origem da desadaptação.

2º - A educação espontânea da relação entre a criança e a mãe é fundamental como preparação para a educação escolar.

3º - O trabalho que se propõe à criança deve responder a uma necessidade do seu desenvolvimento.

4º - "A minha conclusão ao fim de todos estes anos é de que realmente a inteligência também é quantificável e importante na aprendizagem escolar, mas o campo que mais interessa no Sucesso ou Insucesso das crianças é basicamente a inteligência-qualidade; qualidade do que é afectivo do que é imaginário ou mítico no pensar da criança e sobretudo do que é sonho e actividade simbólica." (João dos Santos, 1988, p. 20).

5º - "(...) é sempre da comunicação entre o meio e a criança que a perturbação da comunicação directa (corporal ou oral) da criança se organiza, e é a partir dessa perturbação que aparecem as dificuldades de aprendizagem da linguagem escrita - comunicação indirecta.

Assim fomos levados a valorizar nestes casos a importância da estrutura familiar e do papel dos imagos parentais na organização da vida psíquica da criança e na sua aceitação ou recusa do trabalho na escola que lhe propõem" (João dos Santos, 1990, p. 11).

6º - "O aspecto cultural da estrutura da família levou-nos a estabelecer correlações entre as dificuldades de iniciação e:

- 1) - a ausência, doença, demissão ou violência do pai associada à depressão da mãe;
- 2) - a fixação ansiosa sobre os estudos por parte dos pais intelectuais;
- 3) - as aspirações de promoção social dos pais de cultura mais baixa mas de favorável progresso económico." (João dos Santos, 1990, p. 11).

7º - "(...) Criar as condições que permitam à criança a vivência duma escolaridade normal já que o seu insucesso constitui uma importante falha narcísica, não apenas para ela própria mas também para os seus pais." (Madalena Alarcão, 1986).

8º - "(...) O insucesso escolar tem sempre, pelo menos no seu início, o valor sintomático, i. é., que é o epifenómeno de uma perturbação mais grave do desenvolvimento da criança (...) é fundamental que se compreenda o problema da criança e o tipo de ajuda que ela nos está a pedir." (Madalena Alarcão, 1986).



9º - "(...) o que é específico do terapeuta - psicopedagogo é o ajudar a criança a trabalhar no nível da realidade, as dificuldades que evidencia na vertente do pensamento, a compreender, a reflectir (...) já que conhecer e pensar implicam antes de mais conhecer e pensar-se a si próprio." (Madalena Alarcão, 1986).

C) - *A partir da Perspectiva Dinâmica...*

Diz João dos Santos que *Dinâmico* não é apenas o que aparentemente se move mas o que é movido pela nossa afectividade, impulsos e motivações, pelas vivências e fantasias ou, mesmo, pelos raciocínios aparentemente desafectados de cada um. Ora, é nesta perspectiva que me coloco e daí, que vá fixar-me essencialmente na obra de alguém que expõe também desse modo a relação analítica e a comunicação aí existente. Estou a referir-me a W. Bion. (Não posso esquecer porém, que falar de Bion é falar de Freud e Melanie Klein pois foi destes que Bion retomou imensas ideias).

Bion teve quanto a mim, o mérito de pôr todo esse dinamismo no conhecimento do outro e, na sua obra «Atenção e Interpretação» realça mesmo que o psicanalista deverá colocar mais ênfase no estilo da comunicação do que nas "coisas" comunicadas.

Passarei agora a apresentar os conceitos de Bion que mais se relacionam com a minha questão de fundo: o *Aprender* e o *Não Aprender*:

1º - Conceito de *elementos-beta* - emoções sentidas aquando das impressões sensoriais: são sentidas como coisas em si.

2º - Conceito de *elementos-alfa* - resultam da transformação, pela função alfa dos elementos-beta: são passíveis de armazenamento e utilizáveis como pensamentos.

3º - *Função-alfa* - transforma as impressões sensoriais em elementos-alfa semelhantes às imagens visuais que nos são familiares nos sonhos; necessária ao pensar consciente e também para relegar o pensamento para o inconsciente. Muda o desconhecido em conhecido.

4º - *Ataques à função-alfa* - o ataque à função alfa, pelo ódio e a inveja, estimulam e destroem a possibilidade de contacto consciente do paciente seja consigo ou com os outros.

5º - *Identificação Projectiva* (realista ou excessiva) - mecanismo importante na simbolização.

6º - O significado da *transição da posição esquizo-paranóide à depressiva*.

7º - Conceitos de *conteúdo* e *continente* e o seu papel na relação bebé-mãe.

8º - Conceito de K (conhecimento) - prende-se ao Ódio e ao Amor e é essencial para se aprender com a experiência.

### **3. Tentativa de Compreensão Integradora da Perspectiva do Insucesso Escolar Como Insucesso do Aprender**

A) - Alguns aspectos a considerar

1º - Qualquer tentativa de explicação do insucesso escolar encontra de imediato o obstáculo da multiplicidade de factores preponderantes. A quantidade de estudos realizados em todas as áreas são prova disso como também o é a Tese de Mestrado de Teresa Medeiros (1990) onde se pode ler o seguinte: "Os diferentes paradigmas disciplinares marcam leituras diversificadas consolidando a relatividade do conceito (...)."

Na verdade, falar de insucesso escolar pode provocar no pensador a angústia do "nunca mais acabar" ou seja, a angústia de não saber tudo. Quanto a mim, que estou longe de tudo saber, tentarei aqui um só *vertex* de reflexão que talvez em associação com todos os outros possíveis permita mais um pouco de luz sobre o assunto.

Apelo aqui para o conceito de *Complementaridade Científica* (Georges Devreu) pois acredito que é no combinar de todas as análises feitas ou de todos os *vertexs* que poderemos chegar, aproximadamente, à Verdade.

2º - Como nos diz Palazzoli (1980), o psicólogo deve especificar o seu trabalho fazendo incidir a sua investigação num sub-sistema e não em sistemas complexos pois nesse caso correria o risco de nada investigar correctamente. Agradou-me a ideia... Na verdade vou orientar-me para a compreensão dum só sub-sistema: a diade mãe-filho.

Esta escolha vem na minha linha de pensamento e em consonância com a de João dos Santos: sem ignorar a importância dos outros sub-sistemas que se relacionam com aquele e sem desprezar os sistemas abrangentes importantes à temática de fundo, optei pelo sub-sistema referido por considerar (e esta será a hipótese de base) que *as dificuldades da comunicação bebé-mãe serão o protótipo das dificuldades da relação do indivíduo com os outros e, mais especificamente, com a escola e as aprendizagens escolares.*

A presença do pai virá a constituir uma mudança no sub-sistema original (bebé-mãe) alargando-o e permitindo, ou não, à criança um contacto mais adequado ao real e, também, posteriormente, à escola.

O valor da comunicação é inevitável e evidente e mal vai o desenvolvimento da criança se essa comunicação estabelecida na origem da sua vida relacional é perturbada de algum modo (p. ex. o double-bind levantará esses riscos).

Temos até aqui dois aspectos a considerar no processo de aprendizagem: a díade *bebé-mãe* e o respectivo estilo da comunicação.

3º - Para Évêquoz (1987) o aluno "inadaptado" expressa a disfunção da comunicação intra-sistémica e inter-sistémica e, nesta medida, o seu comportamento é adaptado a essa disfunção. Com a entrada na escola a criança põe à prova a funcionalidade do(s) sistema(s) de que faz parte, as interacções aí estabelecidas e o tipo de comunicação aí desenvolvido.

João dos Santos (1990) diz que ao entrar na escola, a criança passa duma comunicação directa (corporal ou oral) para uma comunicação simbólica o que exige que nessa ocasião ela esteja apetrechada com um aparelho psíquico capaz dessa habilidade.

Se defendo que os bloqueios do imaginário aparecem altamente correlacionados com as dificuldades de aprendizagem, devo reflectir um pouco acerca da origem desse bloqueio e, portanto, no porquê da simbolização.

Se aceito que a identificação projectiva saudável é promotora da capacidade de simbolizar e que esta capacidade se inicia com a possibilidade de projectar partes de si mesmo no "objecto" e identificar partes do "objecto" às partes do *self* posso concluir que uma perturbação nas primeiras formas de comunicação levará a dificuldades de aprendizagem ou seja, da comunicação indirecta ou, ainda, da simbolização.

Da revisão teórica do tema fica a convicção da importância dos vectores já delineados restando-me, entretanto, esta questão: o que poderá acontecer de errado no estabelecimento da comunicação *bebé-mãe* de forma a que essa capacidade de imaginar, simbolizar e, portanto, *aprender na escola*, não se instale?

### B) - *Integração e Compreensão*

Correndo o risco de ser muito poética e de contrariar o pressuposto da Teoria Sistémica de que não devemos centrar-nos na compreensão dos problemas intra-psíquicos (mas iludindo essa questão tendo em conta a ideia de Amaral Dias (1990) segundo a qual os problemas intra-psíquicos resultam de falhas da comunicação inter-sistémica entre Id, Eu e Super Eu) gostaria de dizer o seguinte:

A nossa vida psíquica é povoada por mecanismos que de acordo com a sua intensidade e frequência permitem, ou não, a harmonia da constituição do nosso Eu.

Desde logo o nosso mundo interno se preenche de objectos parciais e totais (no sentido Kleiniano) e consoante a criança encontra na realidade (de início a mãe/seio) o continente para as pulsões respectivas, assim integrará esses objectos no seu mundo interior formando o seu aparelho psíquico.

Bion dá bastante importância às angústias e às frustrações do bebé pois concebe-as como algo comunicacional entre a criança e a mãe e mostra-nos, claramente, que isso se prende com o mecanismo de identificação projectiva (saudável ou doentia).

Na medida em que a mãe consegue ser "bom continente" para as frustrações/projecções do bebé é que ela permitirá a mentalização da criança e, portanto, a organização do pensamento. Mas tudo isto ficará comprometido - não permitindo o aparecimento de  $K$  <sup>(1)</sup> - se não houver uma mãe que sirva de função alfa ou que não tenha capacidade de devaneio ou, ainda, se existir uma criança com falta de tolerância à frustração podendo originar-se a inibição da identificação projectiva saudável dando lugar à identificação projectiva patológica.

A possível mãe perturbada pode devolver à criança as angústias que esta projectou acrescida das suas próprias angústias o que causará, no bebé, aquilo a que geralmente se chama *Terror sem nome* inibindo o bom desenvolvimento da criança.

Ainda no seguimento de Bion, a identificação projectiva normal seria um precursor da actividade de pensar e surgiria nos primeiros meses de vida na posição esquizo-paranóide podendo persistir até à posição depressiva quando a mãe já é vista como objecto total. Se tudo correr bem a criança poderá passar da desintegração provocada pela clivagem inicial para um momento de integração progressiva.

Bion, para lá do sentido positivo da identificação projectiva menciona também o caso de doentes perturbados em termos de pensamento que utilizam a *clivagem* e a identificação projectiva como substituto do *recalcamento*. Estes indivíduos, incapazes de função alfa e, portanto, incapazes de integração por falta de continente para as suas angústias, acabam por odiar a realidade externa e interna clivando-se em outros tantos objectos (objectos bizarros) à custa da identificação projectiva. Claro que estes casos mais graves (esquizofrenia) aliam factores constitucionais e

---

(1) Nomenclatura usada por Bion nas suas obras e que significa genericamente *Desenvolvimento e Conhecimento*

rotura precoce na situação familiar provocando um ataque à função alfa tão forte que impedindo a formação de elementos alfa significa incapacidade para pensar e organizar um mundo interno. Nestas circunstâncias o indivíduo estará impedido de aprender a partir das experiências emocionais; sendo incapaz de **K** (conhecer) torna-se aquilo a que Bion (1966) chama *indivíduos concretos* que não apresentam agudeza de sentido nem são capazes de evocar uma sucessão de pensamentos. Por exemplo, para estes, uma palavra é vivida como uma coisa ausente o que se assemelha a uma alucinação; para os outros, uma palavra representa uma coisa ausente mas como são tolerantes à frustração são capazes de nomear e analisar o seu significado.

Estou longe de crer que todos os indivíduos com dificuldades de aprendizagem constituam casos iguais aos descritos atrás mas que as suas falhas são deste tipo ou seja, que na estruturação do pensamento ou do simbolismo assim funcionem, parece poder dizer-se. Como já ficou descrito tudo depende da intensidade e frequência destas situações.

Sabe-se que uma estrutura psicótica ou neurótica pode ser compatível com a saúde mental; sabe-se, também, que uma criança em idade escolar não tem ainda uma estrutura definida mas que pode, e isso será encarado como normal, apresentar traços neuróticos ou mesmo psicóticos. A sua fixação dependerá da existência de alguma descompensação. O motivo dessa descompensação terá certamente a ver com aspectos constitucionais e factores externos ao indivíduo mas que o tocam enquanto elemento de sub-sistema(s) ou sistema(s) onde esses factores são relevantes.

A presença da criança num novo sistema (escola) e num novo sub-sistema (turma) irá certamente pôr a nu a vivência dessa criança noutro(s) sub-sistema(s) e sistema(s) nomeadamente o sistema familiar e mais especificamente no sub-sistema mãe-filho ao qual acrescentaria a figura do pai.

Alargarei agora aqui a reflexão ao seguinte:

Falei de mães perturbadas; se a mãe é perturbada e se ela compartilha com alguém (neste caso filho e marido) um certo sub-sistema, então é na interacção que encontraremos o significado para essa perturbação.

João dos Santos realça factores do insucesso escolar tais como: a ausência, doença, demissão ou violência do pai associadas à depressão da mãe e, ainda, à ansiedade e expectativas dos pais em relação ao sucesso escolar do filho. Estamos então perante dois factores essenciais neste contexto; a depressão e a

ansiedade que moldam as interações e que dificilmente se separam.

Concordo com João dos Santos quando refere que vários aspectos, como a falta de "cultura escrita" no meio em que vive a criança e a falta de comunicação inter-pessoal na família com linguagem pobre, imperativa, como consequências das perturbações emocionais e ainda dificuldades instrumentais (que acabaram por se mostrar pouco relevantes), são importantes no aparecimento do insucesso escolar mas aparecem sempre ligadas com factores de ordem relacional e, logo, de comunicação. O autor acaba por concluir (1990) que nas situações descritas como estando, provavelmente, na base de certa dificuldade da relação, a comunicação entre os pais e a criança é *excessivamente directa*: ou se faz só com a mãe ou se faz com um pai violento e demasiado presente. Acrescenta, ainda, que noutros casos os pais estabelecem uma "aliança" repressiva em relação aos estudos e esta unidade permitir-lhes-à compensar a sua culpabilidade perante as suas próprias dificuldades de infância:

"A situação é por vezes caricatural: uma mãe realmente e afectivamente abandonada e deprimida, um pai ausente do lar e afectivamente distante (...) descobrem em conjunto, quando a criança fracassa na escola, que têm uma coisa em comum: uma criança sobre a qual podem projectar as suas culpabilidades infantis (...) o pressuposto mau carácter da criança acaba por ser confirmado pelas condutas anti-sociais de fuga ao martírio da perseguição." (João dos Santos, 1990, pp. 15-16).

Não pretendendo apegar-me ao insucesso escolar como reactivo - essa não foi a hipótese de partida - gostaria de continuar a analisá-lo na perspectiva da continuidade do desenvolvimento da criança e daí que não o desligue da personalidade que o vive e do(s) sub-sistema(s) de que ela faz parte e, ainda, do significado que ele aí tem.

Neste sentido encaro o insucesso escolar quase como que "normal" ou inevitável perante certas características relacionais mais primitivas. Face a isto muito me agrada pensar na possibilidade de medidas preventivas precoces!

Para João dos Santos a *Depressão* é uma característica constitucional das crianças com insucesso escolar eventualmente agravada com a entrada na escola altura em que poderá ser marcada pela instabilidade ou bloqueio intelectual.

No trabalho realizado com crianças da Casa da Praia<sup>(2)</sup> realçou, a este propósito, três organizações familiares típicas:

1º - famílias de pai ausente, doente ou demissionário, mãe deprimida, mãe e criança abandonadas sendo na maior parte de baixo nível económico; a escola é encarada como um local para onde o filho é enviado a jeito dum alívio para os próprios pais que encaram a escola como imposta mas que simultaneamente fica com a criança. Aquilo que se passa na escola é vivido pelos pais como estranho ao seu mundo próprio;

2º - famílias com pai autoritário e agressivo-impulsivo com facilidade de projectar como forma de comunicação. A mãe costuma acompanhar o pai nesta repressão. Nestas famílias o sucesso escolar é encarado como moeda de troca entre pais e filho e o filho "agradecerá" aos pais tanto melhor quanto mais facilidades evidenciar na escola;

3º - famílias onde aparentemente não há problemas mas onde ressalta algum desconhecimento do que significa de difícil para a criança a integração no sistema escolar.

Em todas estas situações familiares - talvez menos na 3ª - poderá facilmente imaginar-se uma tonalidade depressiva e ansiosa.

Se considerei como fundamental o estabelecimento da comunicação bebé-mãe para o bom desempenho relacional nomeadamente com o simbólico - de que a aprendizagem escolar é típica - não poderei passar à margem desta Depressão e Ansiedade. Acredito mesmo que poderão ser motivo mais que suficiente para a perturbação da comunicação e especialmente no trabalho de abstracção e simbolização exigidos à criança na sua vida escolar (desde o início e, sobretudo, no início!).

Analisando o aspecto da depressão tenho de referir a importância deste sintoma relacional na vida do sistema familiar. Uma depressão clara ou mascarada acaba por reflectir-se no funcionamento geral servindo para perpetuar o sistema se não for resolvido.

Talvez seja uma leitura muito apressada mas poderei dizer que em João dos Santos entende-se que pais deprimidos comunicando essa depressão ao filho o conduzem ao insucesso que por seu lado reforça essa depressão. Claro que os cambiantes podem divergir desde o pai "brutal" ao pai ausente, à mãe aparentemente compreensiva até àquela que partilha a agressividade do pai.

---

(2) - Instituição de acolhimento de crianças com insucesso escolar oriundas de ambientes familiares desprotegidos e onde João dos Santos levava a cabo estratégias de Pedagogia Terapeutica

No fundo, tudo resulta num ambiente pouco saudável, de fraca confiança e estabilidade para a criança e para os pais.

A depressão e a capacidade para se deprimir não são obrigatoriamente patológicas e não o são, realmente, se constituem momentos de encontro de significado para os nossos pensamentos (aliás, conhecem-se momentos de depressão fundamentais ao desenvolvimento do ser humano como, por exemplo, a depressão vivida pela criança por volta dos sete/oito meses face à pessoa estranha).

Ora certamente não é deste nível normal de depressão que se trata aqui; julgo que para estas crianças a situação familiar e a relação mais original serão consideradas tão hostis e agressivas que, **vidadas** com tanto ódio, tornam impossível para a criança a elaboração desse processo depressivo "normal". A instabilidade, as fugas, os comportamentos mais bizarros em termos sociais, o bloqueio do imaginário, resultam desta incapacidade para interiorizar e mentalizar o que há de menos bom na vida.

Se falo na depressão da criança não posso desprezar a da mãe e/ou do pai pois essas serão o primeiro momento da questão.

Uma mãe deprimida não será bom continente para qualquer angústia da criança e, assim, em vez de aceitar essa angústia e devolvê-la à criança de forma mais tolerável pode é retransmitir-lha acrescida das suas próprias angústias; uma mãe deprimida é alguém que vive uma desvalorização que ao transmitir-se à criança só servirá para lhe aumentar as suas próprias inseguranças.

Se podemos ler no «Relatório de Actividades» de Madalena Alarcão (1986), acerca do aspecto narcísico e da falha desse narcisismo que o insucesso escolar representa, compreende-se melhor que um deprimido (ferido e perdido no seu amor) pode levar a uma falha narcísica no filho cujo insucesso escolar só irá fazer aumentar.

Encarado neste prisma, o insucesso escolar será uma verdadeira ferida narcísica para a criança e seus pais mas que, por seu lado, resultou duma perda narcísica, também.

*Se temos mãe ou pai deprimidos como evitar ter-se uma criança deprimida?*

*Se a criança não se sente amada, valorizada; não sente também a valorização do mundo em que vive e/ou da vida e aprendizagem escolar, como viverá com Amor aquilo que vê e faz?*

Uma tal criança representará todas as "falhas" desse sistema relacional de que faz parte e certamente será alguém



ávido de amor e da confiança que sempre lhe faltou. Será por isto que João dos Santos a certa altura escreve: "a atitude maternal que nós tínhamos acabado de tomar na Casa da Praia correspondia a uma necessidade terapêutica daquelas crianças." (João dos Santos, 1988, p. 84).

Esta atitude maternal que tem a ver com a capacidade de se ser continente para as projecções da criança e que pode ser desenvolvida pela mãe e/ou pai, está ausente de muitas relações precoces gerando a ausência de trocas saudáveis e de crescimento mútuo. Nestas situações o prazer, o amor comunicado, não são suficientes - ou são mesmo ausentes - não promovendo, assim, o *Amor ao Aprender*.

Quando há uma comunicação feliz, quando cada um sente no outro a confiança básica que lhe permite crescer então estará a permitir o desenvolvimento dum individuo mentalmente autónomo e capaz de aprender a pensar. O investimento do trabalho intelectual próprio do período de latência só poderá dar-se se isso fornecer o prazer necessário e a gratificação esperada.

Na Casa da Praia promovem-se as actividades conducentes a essa autonomia e a esse prazer pela aprendizagem, mas quantas "Casa de Praia" serão necessárias para colmatar tantos insucessos escolares e insucessos da vida?

#### 4. Conclusão

A relação precoce bebé-mãe, o Amor, a Verdade e o Prazer dessa relação, a comunicação sem ódio e/ou culpabilidade, a figura do pai como intermediário entre a realidade e a fantasia, serão factores preponderantes para o sucesso escolar e global.

Talvez tenha reflectido pouco sobre o papel do pai mas não é porque ele seja menos importante. Todos sabemos como ele pode ajudar na abertura do relacionamento da criança com o mundo para lá do mundo mais íntimo com a mãe. Talvez o motivo se prenda com o facto das relações mais precoces serem para mim o protótipo essencial.

Voltando agora ao princípio, ao Amor e ao Aprender, não imagino um sem o outro e, sendo assim a falta de um pressupõe a falha do outro.

Se para aprender é necessária a angústia do não saber será bastante difícil *amar o aprender* para aqueles que já não suportam todas as angústias da sua vida mais precoce.

Terminarei com uma frase de Bion que naturalmente nos conduz à reflexão:

"Se quem aprende não tolera a frustração emocional do aprender mergulha nas fantasias de onisciência e na convicção do estado em que tudo se sabe." (Bion, 1962).

### **Bibliografia**

- ALARCÃO, Madalena •Relatório de Actividades (1983-1985)•. Edição da Autora, Coimbra, 1986.
- BION, W. R. (1962, 1963) •Aprender com a experiência e Elementos da Psicanálise•, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1966.
- BION, W. R. (1970) •Atenção e Interpretação•, Imago Editora Lda., Rio de Janeiro, 1973.
- DIAS, C. Amaral, *Reflexão sobre o estatuto de cientificidade em Psicanálise* in •Revista Portuguesa de Psicanálise•, n° 9, Lisboa, 1990.
- EVEQUOZ, Gregoire •Le context scolaire et ses outages, vers une approche systemique des difficultés scolaires•, deuxième édition, E.S.F., Paris, 1987.
- MATOS, A. Coimbra, in revista •Análise Psicológica•, n° 4, série III.
- MEDEIROS, M<sup>a</sup> Teresa P. •Dimensão Psicossocial e Insucesso Escolar : Algumas contribuições• (Tese de Mestrado), Universidade de Coimbra, 1990.
- PALAZZOLI, M. S. et al. •Le magicien sans magie ou comment changer la condition paradoxale du psychologue dans l'école•, E. S. F., Paris, 1980.
- ROGERS, Carl • Liberdade de aprender em nossa década•, Artes Médicas, Porto Alegre, 1985.
- SANTOS, João dos •A Casa da Praia - O psicanalista na escola•, Livros Horizonte, Lisboa, 1988.
- SANTOS, João dos, *A família e o Insucesso Escolar. Psicopatologia da Organização familiar e dificuldades na iniciação à aprendizagem escolar* in •Revista Portuguesa de Psicanálise•, n° 9, Lisboa, 1990.